

Introdução

Então, esse é que é o Imperador? Não se parece nada com reis.

Constatação realizada por um saloio em Portugal, enquanto conversava com Pedro de Alcântara em uma feira pública, segundo descreve Eça de Queiroz em **Farpas** (1872).

A abordagem ensaística que dediquei à realização deste trabalho, não se tratou apenas de uma escolha, mas foi antes de tudo uma imposição do próprio tema abordado. Sem muitos recursos teóricos e estudos biográficos prévios, tive que calcar minha dissertação em fragmentos de memórias presentes nos diários pessoais e de viagens, e outras fontes complementares como fotos e cartas deste curioso personagem histórico que é a razão de ser do presente trabalho. Não que as fontes me faltassem, muito pelo contrário, centenas e talvez milhares de documentos clamam por atenção nos arquivos do Museu Imperial e do I.H.G.B. Infelizmente, é impossível tudo caber em uma dissertação de 24 meses. Nenhuma idéia e/ou abordagem teórica é nova. É nova somente a maneira de costurá-las.

O ensaio trata-se do estudo de uma figura de grande importância, e também muito controversa, no cenário brasileiro oitocentista, em uma de suas facetas muito pouco conhecida e estudada. Trata-se de **Pedro de Alcântara**, cuja *persona* pública como político é a mais aludida, ou talvez a única mencionada, o fazendo conhecido pelo título imperial de **D. Pedro II**. São escassos os textos que teorizam mais especificamente sobre o comportamento público e privado de Pedro de Alcântara, bem como sobre a vida palaciana de seus familiares e dos nobres que o rodeava. Parece-me evidente que a memória das atividades mobilizadoras que conduziram o país à república acabaram por se sobreporem à história do Segundo Reinado, que quando abordada se esgota em questões de foro político ou serve como pano de fundo (ambiente) para dissertações sobre a vida cultural na Corte (Rio de Janeiro), e dinâmicas de sociabilidade entre alguns estratos que compuseram a sociedade de tal

época. O silêncio sobre esta geração de políticos e sobre a corte Bragantina no Brasil tratou-se, portanto, de uma escolha teórica consciente de intelectuais do século XX, cujas temáticas mais recorrentes giraram em torno da busca de uma explicação histórico-sociológica para a formação da identidade brasileira ou privilegiaram a história dos extratos menos favorecidos pela colonização em nosso país.

As principais fontes documentais em que se baseia este trabalho consistem em dois diários autobiográficos de Pedro de Alcântara, o primeiro datado de 1840-41 e o segundo de 1861-62, mais os dois diários de viagens referentes ao período em que fez estada no Egito, e que correspondem as duas primeiras viagens internacionais que realizou nos anos de 1870-71 e 1876-77. Outras fontes documentais, como correspondências com importantes personalidades foram incorporadas a este estudo a fim de melhor retratar sua vida e a vida em sua época.

Diálogo, também, com consagrados textos da historiografia produzidos ao longo de todo o século XX, que orientaram seu foco para a exploração de tal temática, tomando-os como objeto de análise crítica, contudo, de forma a não submetê-los a um julgo construtivo ou destrutivo. Desta forma, entendo que, o ato de debruçar-me sobre tais fontes historiográficas esteja calcado, senão apenas, no próprio ato de refletir.

Por que designá-lo Pedro de Alcântara? Porque é um nome neutro, isento de títulos. Por isso, prefiro não me referir ao nosso protagonista como imperador, monarca, ou pelo título de D. Pedro II, mas simplesmente por seu nome de batismo, Pedro de Alcântara.¹

Títulos que precedem nomes muitas vezes nada dizem sobre os verdadeiros desejos e vocações, que foram modelados pelo meio social e histórico, daqueles que os carregam. Pedro de Alcântara praticamente nasceu imperador. Quando seu pai o deixou, ainda criança, no Brasil para assumir as rédeas do governo em Portugal, ao redor de Pedro de Alcântara já se aglutinavam uma série de expectativas políticas, que nada menos se tratavam da manutenção e afirmação de uma nova nação que

¹Apesar do título *Dom* fazer parte de uma referência nobiliárquica, e não propriamente imperial, preferi não aderi-lo ao nome pelo qual estou cunhando a personalidade em questão.

acabava nascer, por meio da continuidade da estirpe dos Bragança no Brasil: “Nascera nos degraus do trono; a monarquia era ele. Se desaparecesse, se falhasse, também ela acabaria”². Como será que Pedro de Alcântara reagiu a esta imposição do destino?

Se não se pretende dar conta da dimensão pública de Pedro de Alcântara como imperador, o que fica comprovado pela escolha consciente da forma pela qual opta-se por designá-lo, qual será o foco de estudo sobre sua pessoa? Será o próprio Pedro de Alcântara através do fragmento abaixo, que responderá esta questão.

Nasci para consagrar-me às letras e às ciências, e, a ocupar posição política, preferiria a de presidente da República ou ministro à de imperador. Se ao menos meu Pai imperasse ainda, estaria eu há 11 anos com assento no Senado e teria viajado pelo mundo. Jurei a Constituição; mas ainda que não a jurasse seria ela para mim uma segunda religião. (Diário autobiográfico - 31/12/1861).³

Muito já se especulou sobre esta aparentemente controversa passagem que abre o seu segundo diário autobiográfico, pois, à primeira vista, é muito surpreendente um imperador renunciar intimamente, em tom de desabafo, a posição sócio-política que lhe foi designada pelo destino. Entretanto, não há neste trecho, e não houve na história política do império, uma renúncia pública, do papel de estadista de Sua Alteza Imperial e Real. Em primeiro lugar, porque obviamente o imperador só perde o título quando o movimento republicano assume o controle político do país. E em segundo lugar, porque o papel de Pedro de Alcântara como agente promotor e mantenedor da ordem pública não pode ser desconsiderado, haja visto que durante o seu reinado, o Brasil desfrutou de um longo período de estabilidade interna e seu processo de modernização foi fortemente alavancado (mesmo não perdendo de vista todas as contradições existentes em uma sociedade que havia sido recentemente descolonizada, circunscrita em um universo patriarcalista e escravocrata). Também deve ser levado em conta o profundo conhecimento da sociologia, da história e geografia brasileiras, alcançado por meio de inúmeras trocas intelectuais e leituras, além de diversas viagens onde atravessou o Brasil, desbravando-o do Oiapoque ao Arroio Chuí.

² CALMON, P., *A vida de Pedro II - O rei filósofo*, p. 23.

D. Pedro II fué, ante todo, un apasionado estudioso de los hombres e las cosas de su patria. Dotado de prodigiosa memoria y de la más vasta cultura em cuanto se refiere a las materias a las cuales especialmente se dedica el Instituto, difícil era sorprenderle en el más leve error de nombres, fechas o detalles más insignificantes de algún episódio de la História Universal, de la cual, desde niño, hizo su estudio predileto, como discípulo del marqués de Sapucahy.

Conocía al Brasil de norte ao sur, habiéndolo visitado en sucesivos viajes; y ninguna de las cosas más notables del globo entero le era desconocida, pues todo lo había visto o recorrido en sus tres viajes sucesivos a Europa, Africa y los Estados Unidos, en 1871, 1876 y 1888. Nada pasó desapercibido a su insaciable avidez de saber y asimilar. Por eso fué um dos monarcas más ilustres de su época, a quien los principales sabios, escritores, artistas y estadistas mundiales rindieron, a la luz de la verdade, su irrecusable testimonio de homenaje.⁴

É durante o reinado de Pedro de Alcântara que o Brasil alcança projeção internacional, em decorrência às viagens por ele realizadas, que independente de sua postura como um viajante caráter oficial ou não-oficial, apresentou produções culturais brasileiras à Europa e aos Estados Unidos da América, impondo-se como um intelectual/monarca ilustrado nas artes e nas ciências, a serviço da modernidade. Desde já, faz-se premente a necessidade de reforçar a idéia, de que mesmo fazendo parte de um contexto intelectual que privilegiava o conhecimento como instrumento de poder e progresso, cuja fonte de formulações teóricas provinha dos meios intelectuais europeus, Pedro de Alcântara, como foi abordado no parágrafo anterior, não negligencia a busca de um entendimento para futuras reflexões sobre o seu país, ainda que calcados em teorias importadas do Velho Mundo. A sua participação ativa nas atividades do I.H.G.B. e do Colégio Pedro II, não deixam dúvidas em relação ao seu posicionamento, no que diz respeito às questões que giravam em torno do âmbito nacional.

O interesse de Pedro de Alcântara pelas artes e ciências despontou muito cedo, o que se evidencia nos relatos de seus ilustres tutores, que ao introduzirem o menino no mundo do conhecimento, já o reconheciam como um jovem prodígio. A questão se reafirma em seu primeiro diário autobiográfico, onde com apenas quinze

³ BEDIAGA, B. (Org.), *Diário do Imperador D. Pedro II*, Publicação em cd-rom.

⁴ Artigo publicado por Max Fleiuss no *Jornal do Brasil*, 2 de dezembro de 1925, em homenagem ao centenário de nascimento Pedro de Alcântara. Tal artigo constitui o prólogo do livro de CELSO, A., *El emperador D. Pedro II y el Instituto Historico*.

anos, Pedro de Alcântara reclama do tempo restrito que dispunha para ampliar seus horizontes intelectuais, por meio dos mais variados estudos. Suas anotações desconexas, a falta de auto-reflexão e conscientização das posturas sociais que passaria a desempenhar e projetos desenhados para o seu futuro, refletem a postura de um menino feito imperador muito jovem, ainda um pouco assustado e entediado com a nova realidade.

O seu segundo diário autobiográfico possui um perfil muito diferenciado do primeiro, e sugere, segundo interpretações recentes⁵, que Pedro de Alcântara o redigiu com o intuito de transformá-lo em um livro de memórias, o que realmente parece sugerir o trecho que abaixo será citado.

Começo este trabalho só agora, porque a experiência dificilmente se aproveita, e dos anos que vivi a muitos sucessos, que apenas à memória própria devia confiar, mesmo para ela felizmente esquecê-los. Além disto, a mocidade rouba muito tempo, ainda que este não me sobre para principiar amanhã um diário de minha vida, cuja parte que pertence ao público fica, aliás, registrada nos períodos e a particular é bastante monótona. Por isso muito resumido serei, esforçando-me, contudo por não omitir o que parecer de importância. Tinha apontamentos dos anos passados; mas julguei acertado queimá-los. (Diário autobiográfico - 31/12/1861).

Durante toda a vida, Pedro de Alcântara dedicou-se aos estudos dos mais variados gêneros de conhecimento, desde descobertas astronômicas e experiências físicas e químicas até exegeses bíblicas e traduções de textos em sânscrito. Dominava o latim, o grego, o hebraico, o árabe, e foi um grande estudioso do tupi⁶. Porém, somente no período de exílio, devido à disponibilidade de tempo e proximidade dos grandes centros produtores de conhecimento, pode inteiramente se entregar as suas atividades como intelectual, chegando a realizar a publicação de traduções comentadas de poesias hebraico-provençais.

(...) mais malquebrado, arrastando os pés, o passo trôpego. Entrou logo, todavia, numa roda viva de conferências, museus, academias, sessões científicas e literárias. Pouco tempo dispensava as pessoas que o procuravam; uma hora apenas em cada refeição. Sempre apressado, numa atividade febril! Com a fadiga do corpo

⁵ Comentário presente em Begonha Bediaga. op. cit. Parte introdutória à leitura do segundo diário.

⁶ Vale apenas ressaltar que, o Tupi foi a língua eleita pelos românticos brasileiros para simbolizar a retomada, do que supostamente representaria uma expressão da “verdadeira” raiz cultural de seu país, justificando, portanto, o particular interesse de Pedro de Alcântara por tal linguagem.

contrastava a vivacidade do espírito. Mesmo no carro, lia sem cessar revistas e obras novas.⁷

Pedro de Alcântara não restringiu seus conhecimentos ao âmbito dos seus interesses particulares. Exerceu amplamente o mecenato, dispondo de sua renda pessoal e familiar, financiando não apenas instituições e artistas voltados para o mundo das belas artes, mas investindo, com o mesmo entusiasmo, em projetos dedicados ao desenvolvimento da pesquisa científica, a fim de que fosse promovido o progresso e a chegada da modernização ao seu país.

Financiou, tanto no Brasil como no exterior, estudos e pesquisas que versavam sobre os mais variados campos do conhecimento humano. Em seu país, patrocinou a pesquisa de cientistas estrangeiros como Von Martius, Lund, Gorceix, dos naturalistas Couty, Goeldi, Agassiz, dos geólogos O. Derby, Charles Frederick Hartt, do botânico Glaziou, e do cartógrafo Seybold. A esta lista acrescente-se os intelectuais brasileiros Gonçalves Dias, Pedro Américo, Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre e Carlos Gomes, que além de terem sido financiados e incentivados por Pedro de Alcântara, alguns tiveram seus trabalhos por ele divulgados no exterior, como ocorreu com a ópera *O Guarani*. Tratando-se de um homem cosmopolita, o intelectual brasileiro fez inúmeras doações durante suas estadas e exílio no exterior, e algumas dessas doações foram destinadas a importantes artistas e instituições como ao Instituto Pasteur, à edificação do teatro de Wagner em Bayreuth, à Fundação Mozart em Salzburg, à publicação de obras de Gobineau, dentre tantas outras que não cabe aqui enumerar.

Pedro de Alcântara foi sócio de muitas instituições de pesquisa internacionais, e recebeu várias homenagens e títulos de Institutos e Sociedades especializados, principalmente, na promoção dos estudos de sociedades antigas, dentre eles: o *Ateneu Oriental - Comitê Nacional Francês do Congresso de Orientalistas* (19/10/1871), o *Instituto Egípciano de Alexandria* (10/11/1871), o *Instituto Nacional do Egito* (01/11/1871), a *Sociedade de Antropologia e Etnologia de Berlin* (01/10/1875), a *Sociedade Arqueológica de Atenas* (19/10/77), a

⁷ Conde de Afonso Celso, referindo-se ao período de exílio do imperador. Apud. MELLO, C. P., *Viagem ao Alto Nilo - O Egito de D. Pedro*, p. 17.

Sociedade Italiana de Antropologia e Etnologia (27/02/1877), o *Instituto Antropológico da Grã-Bretanha e Irlanda* (26/06/1879), a *Sociedade Bíblica Americana* (25/01/1879), o *Israelitisches Blinden Institut de Viena* (1881). Além disso, foi membro da *Academia de Ciências de Paris*, da *Royal Society de Londres*, da *Academia de São Petesburgo* do *Museu de Moscou*. Esses diplomas e certificados são mantidos até hoje nos arquivos do I.H.G.B.⁸

Das instituições brasileiras, cujas atividades passaram a ser incrementadas somente no Segundo Reinado, por conta da influência direta de Pedro de Alcântara, destacam-se: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro fundado em 1838, a Academia Imperial de Belas-Artes criada em 1826, e o Colégio Pedro II, reinaugurado em 25 de março de 1838. O I.H.G.B. que teve como modelo o *Institut Historique* francês de 1834 (do qual o imperador também foi membro), formou uma geração inteira de intelectuais e artistas brasileiros, e encontrou na figura de Pedro Alcântara, como ressalta Lilia Schwarcz⁹, um assíduo freqüentador, incentivador e pesquisador, cujo desejo maior foi realizar, através desse centro de estudos, a fundação de uma História para Brasil. Para tanto, financiou tanto no Brasil como no exterior pesquisas sobre documentos importantes que pudessem contribuir para a escrita da história de seu país, de forma que expressão cultural nacional começasse a ganhar forma. O Colégio Pedro II, reinaugurado no mesmo ano do I.H.G.B., teve a participação direta do intelectual no campo burocrático-administrativo e, principalmente, nas áreas de formulação pedagógica, sem contar com suas interferências nas atividades cotidianas da instituição, como nos episódios em que aplicava pessoalmente exames orais aos educandos:

(...) as matemáticas elementares são indispensáveis a todas as classes que cursam o ensino secundário, e o começo desse estudo no segundo ano quando os meninos não têm esquecido os princípios de aritmética que aprenderam fora do colégio, estendendo-se até o quinto ano inclusive, parece-me bem distribuído. (Diário autobiográfico - 16/01/1862).

⁸ MELLO, C. P., *Viagem ao Alto Nilo - O Egito de D. Pedro*, p. 16.

⁹ SCHWARCZ, L. M., “ ‘Um monarca nos trópicos’: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Academia Imperial de Belas Artes, e o Colégio D. Pedro II”. In: *As barbas do Imperador*.

Entretanto, nem só de abordagens apologéticas ou hagiografias foi construída a memória de Pedro de Alcântara. Muito pelo contrário. O mito *D. Pedro II* foi sendo construído em contextos históricos diferentes, e sua imagética, desde o período imperial, serviu tanto às representações oficiais orientadas pelo estado como às mais debochadas representações caricaturais encabeçadas pela elite republicana da era imperial. A áurea de romantismo e ingenuidade na qual muitas vezes a figura de Pedro de Alcântara esteve envolta, a forma apelativa pela qual seu comportamento foi tachado de patético e/ou dissimulado, uma vez sendo Pedro de Alcântara um confesso homem de letras, ou as acusações de negligência em relação aos seus deveres como estadista, segundo os quais seus “inquisidores” construíram a idéia de que o âmbito político foi delegado ao segundo plano em sua vida, compõe uma gama de “lugares-comuns”, que em algum momento de nossas vidas escolar ou acadêmica, com eles, já nos deparamos.

Vejamos no trecho abaixo, como muito timidamente o próprio Pedro de Alcântara, em 1880, escreve uma “miniautobiografia” para defender-se da tempestade de acusações que sobre ele constantemente recaíam:

O dizer que eu pretendo ser sábio é tão infundado como me acusarem de aspirar ao poder pessoal. Até minha maioridade, poucos anos tive para aprender e, depois, o cumprimento dos deveres do meu cargo não me deixaram muita folga para estudar. Apenas leio quando posso e, por isso, hei de ter sabido quanto me falta aprender para ser sábio. As conversas com os que muito mais sabem do que eu, disso mesmo me tem convencido, obrigando-me a mais ler ainda.¹⁰

Quem foi colocado à testa do governo - e falo assim porque posso dizer que, se não fosse pouco mais de criança, em 1840, eu não cederia a tantos pedidos - na idade de 14 anos e meio, não pode ter aprendido bastante para que, sendo dotado de bom senso, considere-se sábio. Nunca desejei amesquinhar ninguém, quando não posso deixar de reconhecer que só os homens de grande mérito e prestígio praticam ações correspondentes, e sempre pensei que minha intervenção apenas teria o valor de revelar a boa-vontade que nunca me faltou, nem faltará, para servir o Brasil.¹¹

Pedro de Alcântara não se fez mito apenas nas páginas da historiografia oficial ou no imaginário do povo de sua época. Continua sendo mito nos livros didáticos da atualidade, e nas páginas da historiografia recente, ainda que dentro de uma opção

¹⁰ Trecho extraído do livro de TÁVORA, A., *D. Pedro II e seu mundo*, p. 20 e 22.

teórica consciente dos que preferem continuar o percebendo, positiva ou negativamente como um *outsider dos trópicos*. Portanto, recusei-me a embarcar nesses “lugares-comuns” onde geralmente o personagem em questão costuma ser enquadrado. Sendo assim, ao debruçar-me sobre o arcabouço documental e bibliográfico, muitas questões surgiram sobre o indivíduo Pedro de Alcântara e sua inserção no meio sócio-cultural oitocentista brasileiro. Necessitei, então, redimensionar meu foco de pesquisa, pois, quando idealizei o projeto referente a essa dissertação, pensava em apenas tratar das viagens que Pedro de Alcântara realizou ao Egito, inserindo-as no contexto mais amplo do surgimento, nos oitocentos, de uma nova forma de conhecimento que foi a Egíptologia. Não abortei essa idéia, tanto que parte da dissertação foi destinada à exploração de tal temática, apenas a submeti à outra natureza de análise, que será anunciada nos parágrafos que se seguem.

É evidente que existiu na pessoa de Pedro de Alcântara uma forte inclinação vocacional, produto de sua interação com o meio cultural dos oitocentos, que se refletiu no seu comportamento público de forma tão marcante e evidente que não pode ser ignorado nem pelos homens de sua época e nem pelos historiógrafos atuais, e que nem o próprio Pedro de Alcântara fez questão de contê-lo ou dele se privar. Trata-se desta forte aptidão sentimental, que na falta de um termo melhor chamarei de **vocação intelectual**¹². Das retratações oficiais às mais duras críticas caricaturais publicadas em jornais de sua época, de seus diários pessoais às cartas trocadas por sua mais ilustre confidente a Condessa de Barral, da fundação de institutos ligados às ciências e às artes no Brasil às viagens internacionais, algumas com caráter quase expedicionário, sentimos, em toda a parte em que deixou rastros, o toque refinado do prazer pela descoberta, neste intelectual feito cedo imperador.

É óbvio tratar-se de um fato inusitado, um “imperador” não só assumir e expor publicamente, um desejo privado, como se utilizar de um vestuário e de um gestuário muito diferenciado do universo de expectativas que poderia ser construído em torno de sua *persona* pública como monarca, fato que a primeira vista o faz

¹¹ Ibid, p. 25.

¹² A conceituação usada para a terminologia *intelectual* será trabalhada especificamente no segundo capítulo.

parecer uma figura excêntrica. Vejamos no trecho abaixo, trecho este que será recuperado no primeiro capítulo, como a antropóloga e autora da mais recente obra que versa sobre Pedro de Alcântara, Lilia Schwacz, aborda esta questão:

Vestido quase sempre de negro, calças brancas ou pretas, gravata escura, sem dar a mão a ninguém em público, como mandava o protocolo; tendo eliminado o beija-mão por considerá-lo obsoleto, o imperador começava a ser mal compreendido.¹³

Contudo, não podemos atribuir apenas a essa **vocação intelectual** explícita de Pedro de Alcântara, muito menos uma possível “excentricidade” em seu comportamento, a causa desse fenômeno oitocentista, que tanto provocou inquietação - simpatia ou repúdio - nos perspicazes intelectuais de sua época e de nossa época, que refletindo sobre esse, por vezes, quase incógnito indivíduo das ruas petropolitanas e da Corte Imperial, buscavam explicações que inserissem-no no meio social e cultural brasileiro. Alguns intelectuais que abordam Pedro de Alcântara em suas temáticas, segundo o meu ponto de vista, esqueceram-se, portanto, de ao tecer os fios da memória que nos ligam à sua história, levar em conta menos o que ele poderia ter representado para o Brasil, segundo as convicções e ideologias presentes na orientação da historiografia que produziram - o que facilmente levou a compreendê-lo como uma personalidade controversa: idealista ou dissimulada -, e mais como o Pedro de Alcântara despido e descaracterizado de expectativas em relação à sua “representação social” como monarca.

Portanto, em primeiro lugar, proponho, uma nova reflexão sobre Pedro de Alcântara, reflexão esta que nos possibilite percebê-lo a partir da construção da realidade histórico-sociológica multifacetada, vivida no Brasil oitocentista. Pedro de Alcântara figuraria, então, como um dos representantes da intelectualidade brasileira que incorporando em seu universo mental - o que conseqüentemente se refletiu em seu comportamento social - elementos de vanguarda do pensamento moderno europeu, tornou-se, aqui no Brasil, um expoente social atrelado aos valores do individualismo e liberalismo burguês do século XIX. Por estar em constante intercâmbio cultural com o velho continente, Pedro de Alcântara, sensivelmente

captou as transformações socioculturais na mentalidade e vivência social do moderno homem europeu dos oitocentos, e buscou aliá-las ao meio social em que nasceu e viveu por quase toda a vida.

A partir dessa constatação, torna-se necessário problematizar os dois tipos de representações públicas assumidas por Pedro de Alcântara: a de **intelectual** e a de **monarca**. A primeira reflete a imagem do burguês europeu ilustrado do século XIX, enquanto a do monarca brasileiro identifica-se menos com a figura taumaturga e majestosa da realeza européia, e aproxima-se mais do *pater familias mor* da nação brasileira. Porém, reitero o que foi dito no início da introdução, de que o objeto de estudos dessa dissertação recai sobre a análise da *persona* pública, de Pedro de Alcântara como *intelectual* e não como *monarca*.

Em segundo lugar, porém ainda integrando as questões que perpassam o primeiro debate, será proposta uma discussão historiográfica com as correntes teóricas que trabalham com a incompatibilidade entre as idéias difundidas no meio cultural europeu, ambiente cultural em que Pedro de Alcântara é recorrentemente remetido, e o brasileiro de tal natureza, que afirmam ser impossível pensar o Brasil a partir de valores e tradições que constituíram o cenário social e cultural europeu oitocentista. Uma das mais conhecidas abordagens teóricas sobre a relação estabelecida entre a intelectualidade brasileira e a reflexão que esta produziu sobre a sociedade de seu país, iniciada no período em que se buscava estabelecer um caráter identitário para o povo desta nação que acabava de se consolidar politicamente, foi a tese defendida por Roberto Schwarz, em que o autor afirma existir uma incoerência na tentativa de se produzir um conhecimento da sociedade brasileira tomando como norte teórico a produção acadêmica européia, ou seja, de forma a produzir uma imitação do paradigma de modernidade europeu: “Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe idéias européias, sempre em sentido impróprio”¹⁴, ou seja, a tão debatida questão que, no Brasil as “idéias estão fora do lugar”. Seguindo a lógica de Roberto Schwarz, poderíamos então concluir que, o comportamento de Pedro de Alcântara se encontrava deslocado, dissociado, da

¹³ SCHWARCZ, L. M., *As barbas do Imperador*, p. 321.

¹⁴ SCHWARTZ, R., *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*, p. 24.

realidade brasileira, já que reproduzia um modelo cultural que não correspondia ao quadro social desse país.

Indo na contramão dessa perspectiva epistemológica, optei pelo norte teórico oferecido pelo intelectual argentino Nestor García Canclini¹⁵ que trabalha com os resultados culturais produzidos nos países latino-americanos que sofreram influência direta das grandes potências européias via o colonialismo dos séculos XV e XVI, e portanto, são frutos do encontro de modos de sociabilidades distintos: um local, produto da herança colonial, e outro herdado do contato travado com os novos valores associados à modernidade européia, difundidos pelo Velho Mundo a partir do século XVIII. Tal caráter plural, segundo o autor, configura o perfil que as sociedades latino-americanas possuem até os dias de hoje.

Concluindo, posso dizer que essa dissertação pretende tratar Pedro de Alcântara não como uma parte dissidente e descontextualizada da história social e cultural no Brasil dos oitocentos, mas entendendo que esta dimensão cosmopolita de vivenciar a experiência da modernidade, presente no comportamento de Pedro de Alcântara é absolutamente pertinente, ao contrário do que defendem alguns antropólogos e historiadores, que admitem que a imigração de conhecimentos dos grandes centros produtores europeus para o Brasil colocavam-se em nosso contexto como “idéias fora do lugar” - já que, o país desde a época de seu descobrimento passou a abarcar as mais diversas expressões culturais, o que nos leva, de outra forma, a considerá-lo como um país de **experiências culturais entrecruzadas**¹⁶ ou de **culturas híbridas**¹⁷. Pedro de Alcântara representou de forma exemplar a confluência entre as duas tão diferentes tradições: a de um passado colonial e a da modernidade, tal qual se configurava no mundo ocidental.

Sendo assim, o diálogo estabelecido entre o contexto global mais amplo - ou seja, entre as questões políticas globais que envolviam, dentre outras problemáticas, a corrida imperialista, a recente independência das colônias latino-americanas e seus esforços em busca de uma afirmação na geopolítica mundial, o confronto entre as

¹⁵ CANCLINI, N. G., *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade*.

¹⁶ O autor Edward Said também é uma importante referência em se tratando da análise de experiências pós-coloniais. Porém, sua perspectiva cederá lugar à de Canclini, pois o último trata especificamente dos países latino-americanos. Conferir: SAID, E., *Cultura e Imperialismo*.

forças conservadoras e liberais com suas “contradições”, e o próprio contexto cultural que encerrava a produção filosófica e sociológica iluminista, ainda que a análise pontual dessas questões não estejam incorporadas no presente trabalho -, e o universo das tradições socioculturais que conformaram a sociedade imperial brasileira, da qual emerge Pedro de Alcântara, intelectual e/ou monarca, podem fornecer uma idéia mais coerente e menos contraditória entre as realidades sociológicas e históricas que configuraram o Brasil e a Europa, transcendendo os limites teóricos impostos pelos estudos que baseiam suas análises na busca de elementos de descompasso entre essa duas realidades tão distintas e tão umbilicalmente ligadas.

A segunda parte do estudo possui um recorte mais teórico, já que busca estabelecer os limites conceituais por meio dos quais podemos qualificar sociologicamente Pedro de Alcântara não somente como um *intelectual*, mas também como um *intelectual moderno*. Todos os indícios comportamentais de Pedro de Alcântara nos levam à identificação de sua postura intelectual com o modelo cultural iluminista, o que se traduz, dentre outras questões, no seu interesse pelas diversas áreas do conhecimento humano - tal qual um enciclopedista -, de sua atuação ativa como pesquisador - comprometido com a criação de institutos de pesquisas no Brasil e vinculado aos centros de excelência européia -, e como mecenas, financiando, com recursos próprios, bolsistas e centros de pesquisas brasileiros e europeus.

Assim, o comprometimento que Pedro de Alcântara guardou com a difusão dos valores da modernidade em seu país foi muito mais significativo para o intelectual do que apenas a construção de uma cultura política diretamente vinculada a afirmação do regime imperial, que deveria ser consolidada no Segundo Reinado, pois se tratou de um engajamento que engendrou os elementos constitutivos da sua história de vida pessoal.

Para reviver este novo Pedro de Alcântara que merece ser estudado, optei por dissertar sobre as duas viagens que fez ao Egito. A infinidade de temas e documentos que me permitiriam estudar o *intelectual moderno* por outros ângulos

¹⁷ CANCLINI, N. G., *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade*.

de sua atuação, seja nos círculos difusores de conhecimento no Brasil ou no exterior, cede lugar a uma escolha particular da mestranda, que por uma questão de familiarização com o cerne conceitual que envolve a construção da história do Antigo Egito, consolidada com a criação da Egiptologia como carreira acadêmica, optou por estudar Pedro de Alcântara a partir de tal temática. Essa parte, então, corresponderá a terceira e última seção do trabalho.

O panorama político-cultural em que a redescoberta do Antigo Egito se insere, guarda um profundo comprometimento com o avanço imperialista europeu e as conseqüentes disputas pelo domínio colonial em regiões africanas e asiáticas. Desse modo, o “sentido” da criação da Egiptologia no contexto de emergência do domínio imperial europeu, tanto pode ser lido como a criação de um novo *saber* referente à possessão colonial - saber este que reforçou a autoridade imperial sobre o país e ajudou a sustentar e legitimar os mecanismos econômicos e políticos impostos pelas metrópoles modernas (Inglaterra e França) - como também pode ser compreendido como a tentativa realizada pela intelectualidade européia de atribuir uma história a uma sociedade anteriormente “sem-história”, inserindo a evidente “grandiosidade do passado do Egito” na linha temporal da “História da Humanidade”, de forma a ocupar um lugar coerente na memória ocidental. Ambos os “sentidos” atribuídos a importância da criação da Egiptologia como um *saber* “útil” e “necessário” no contexto histórico em que surgiu, guardam íntimos laços que não podem ser dissociados. Assim, o passado do Egito teve de se conformar a um modelo de História preestabelecido pela intelectualidade européia, a fim de legitimar os mecanismos de intervenção militar, política e econômica das potências que o colonizaram: Grã-Bretanha e França.

É neste contexto que se inserem as viagens de Pedro de Alcântara, e foi a partir desse recorte empírico, que optei revelar esse intelectual moderno. Isto, porque, seus relatos de viagens demonstram o afastamento que devemos guardar das reflexões que o julgam apenas como um erudito, o que se desdobraria em uma leitura de sua viagem que o limitaria a ser visto, no máximo, como um cronista bem informado. Suas abordagens em relação ao presente e passado desse antigo país assentado nas margens do Nilo, não só se inserem, perfeitamente, nos quadros

interpretativos dominantes, mas permitem-nos identificar em Pedro de Alcântara um conjunto de traços que o configuram como um verdadeiro intelectual moderno, comprometido e sintonizado com os principais projetos modernistas em relação ao Egito.

Assim, o próprio ato de viajar em muito transcende ao comodismo e arrogância do intelectual de gabinete, e nem mesmo se reduz à imagem de um simples e excêntrico turista, que tudo avista que com um olhar despreocupado e despretenso, pois reserva ao intelectual um lugar de reflexão especial, à maneira como o próprio se autodefiniu: encarnando o espírito de um verdadeiro **observador**.¹⁸

(...) eu pedi a palavra e agradecendo a minha eleição de sócio, disse algumas palavras para mostrar que já conhecia um pouco o Egito na minha pátria e viajei nele com espírito de observação. (Diário referente à primeira viagem ao Egito - 10/11/1871).¹⁹

¹⁸ **Observar** v. t. **1.** Examinar miudamente; estudar. **2.** Espiar, **3.** Cumprir ou respeitar as prescrições e preceitos de. **4.** Advertir, admoestar. *Int.* **5.** Examinar atentamente a(s) pessoa(s) e/ou ambiente que a(s) cerca. *P.* **6.** Vigiar as próprias ações. § **Observador** (ô) *adj.*

¹⁹ Passagem referente à primeira viagem, em que Pedro de Alcântara é recebido no *Institut National d’Egypte*.